

Superstição é o eterno tempero do futebol

Busca pelas vitórias independe das táticas

TEDESARTORI

DAREDAÇÃO

No último domingo, o São Paulo voltou a vencer no Brasileirão após 12 partidas. O triunfo por 2 a 1 sobre o Fluminense seria marcante por si só. Mas não foi assim. Nada de jogadores ou o técnico do Tricolor como protagonistas. A estrela foi a superstição.

Na escadaria de acesso ao gramado do Morumbi, havia sal grosso cobrindo parte de um dos degraus. A sabedoria popular indica que o tempero afasta mau olhado. E o Tricolor venceu. Independentemente de quem foi o autor, a atitude reforçou a importância das mandingas no futebol.

"Crençice e superstição são duas coisas diferentes", afirma Yza Fava de Oliveira, professora por mais de 50 anos na Unisantos (aposentou-se neste ano), historiadora e autora do livro *Folclore em Santos - Como aplicá-lo na escola* (Editora Leopoldianum), lançado em 2010. A distinção entre as duas palavras é sutil, mas bastante clara no significado.

"A crençice é no sentido mais maniqueísta, ou seja, se relaciona com o bem e com o mal, fazendo parte do cotidiano das pessoas. Um exemplo: passar embaixo de escada dá azar. É sempre mais defensivo", explica a historiadora. "Agora a superstição condiciona mais, levando até a obsessão. Se esquecer, fica desesperado. Por exemplo, levar um amuleto de proteção ou acreditar que a bandeira do time, que estava em uma vitória sobre o rival, tem de estar sempre presente. Ninguém escapa dela durante a vida", detalha Yza.

O sal grosso no Morumbi rendeu brincadeiras. Ainda mais em função de ter ocorrido no São Paulo, clube tido como diferenciado. A melhor delas foi do jornalista Clovis Augusto Meilo, do Diário do

Norte do Paraná, de Maringá. "Se sal grosso ganhou jogo, o Campeonato Gaúcho terminava empatado".

Trata-se de variante da máxima consagrada por Neném Prancha, olheiro do futebol das praias cariocas e emérito filósofo da bola. "Se macumba ganhou jogo, o Campeonato Baiano terminava empatado", referindo-se à mística da Boa Terra. A frase é também atribuída a João Saldanha, histórico técnico e comentarista.

"As pessoas precisam de alguma coisa pra se apegar. E obviamente a crença de que tudo aquilo que é pensado de forma estimulante e motivadora é um agente positivo para que a nossa crença naquilo que estamos fazendo se materialize", comenta Leny Almeida, terapeuta de formação holística e numeróloga há 23 anos.

O símbolo da superstição no futebol pode ser resumido em Paulo Machado de Carvalho, chefe das delegações brasileiras campeãs nas Copas de 1958 e 1962. Apesar dos ares de modernidade que trouxe à Seleção, o dirigente fazia questão de não desgrudar de um terno marrom, usado nos 3 a 0 sobre a Áustria e levado até a decisão contra a Suécia.

A crença era tamanha que Paulo Machado de Carvalho obrigava outros a fazer o mesmo. Os jornalistas Flávio Lazetti e Ary Silva, integrantes da delegação, também foram obrigados a repetir o figurino utilizado na estreia brasileira durante todo o Mundial.

A Seleção, porém, perdeu no sorteio para a final e teria de mudar o amarelo da camisa - os suecos também usavam. O azul foi o escolhido por Paulo Machado de Carvalho, sob mística justificativa: era a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida. O Brasil foi campeão mundial pela primeira vez e a superstição continua ganhando de goleada no futebol.



Sal grosso em degrau da escadaria de acesso ao gramado do Morumbi: a superstição entra em campo

Histórias

"Meu ritual é sempre assistir ao jogo no mesmo lugar do sofá: no braço da ponta mais perto da TV"
João Ordeno, palmeirense, 20 anos, estudante de Medicina

"Uso a camisa do Quíñonez, que salvou o Santos do rebaixamento em 2008, nos jogos decisivos (naquele ano, um chute torto dele desviou em Gustavo Nery e entrou, dando a vitória por 1 a 0 ao Santos diante do Inter, na Vila Belmiro)" - Rodrigo Aparecido, santista, 24 anos, técnico em informática

"Durante a Libertadores de 2011, desde a derrota para o Colo-Colo (2 a 3), em toda véspera de jogo do Santos eu saía para correr na praia e suar a camisa alviverde de 2004 que eu tenho. Acho justo dizer que sou responsável também por aquele título"
Edemilson Franco da Rosa Júnior, santista, 21 anos, técnico portuário.

"No Brasileirão de 2002, meu pai disse que o Santos vencia toda vez que usava determinada cueca. Durante todo o mata-mata foi assim. Quando cheguei para ver a final, ele estava só com a cueca da sorte. Fomos campeões. Em outubro de 2003, meu pai morreu. Quando minha mãe separou as coisas dele para doar, peguei a cueca da sorte. Em todo jogo decisivo eu uso. E o Santos venceu em todas"
Adriana Caldeira, santista, 44 anos, comerciante

Tem dia que a mandinga falha

■ Há casos aos montes no futebol de mandingas mal-sucedidas. Uma delas envolveu Luis Alonso Pérez, o Lula, técnico do esquadrão de ouro do Santos nos anos 50 e 60. Mesmo com tantos craques à disposição, o comandante do Peixe gostava de recorrer à macumba antes de certos jogos. Um dos trabalhos aconteceu antes da terceira e última partida decisiva do Paulistão de 1959.

"O Lula acreditava muito nisso e trouxe um macumbreiro da Bahia. Teve banho de descarga no vestiário e galinha andando pra lá e pra cá na concentração", lembra Lalá, goleiro reserva do Peixe na época. "Colocaram papéis na garganta da galinha com os nomes do árbitro (Anacleto Pietrobom) e do jogador mais perigoso do Palmeiras (Romeiro)", emenda.

O ritual envolvia também os jogadores. A dupla Lalá e Pavão foi recrutada. "O Lula disse que a gente tinha que dormir



Lalá foi recrutado para ritual. Pedido do técnico Lula a pai-de-santo

em um lençol branco e pediu para que eu dormisse na casa do Pavão, no dia anterior à final. Fiz isso. O Pavão amanheceu com torcicolo, completamente torto. Não adiantou nada", detalha. O Santos acabou

derrotado por 2 a 1 pelo Verdão, no Pacaembu. O gol da vitória foi de Romeiro.

A mesma frustração ocorreu com o Palmeiras no Paulistão de 1954. Seria o título do Quarto Centenário de São

Paulo. O troféu ficou com o Corinthians, ao empatar por 1 a 1. O Verdão, porém, virou Azulão no Pacaembu.

Os atletas souberam no vestiário que atuariam em camisas azuis. A ordem veio do presidente Paschoal Giuliano - e, conta-se, aconselhado por um pai-de-santo. Era a medida infalível pela taça.

"A frustração fez chorar críticas sobre o mandatário palmeirense. "Usamos o que achamos mais conveniente", chegou a declarar Paschoal. Para os corinthianos, a troca de cor no Verdão serviu como estímulo máximo.

"Não era aquele Palmeiras com o qual estávamos acostumados, com aquele verde", relatou certa vez o ex-ponta-direita Luizinho, já falecido. "A camisa azul foi um dos fatores daquele empate salvador", disse o técnico Osvaldo Brandão. Muitos verdes - ou azuis - ficaram com raiva.

Técnicos vemos, rituais sabemos

■ O misticismo dos treinadores não é restrito aos tempos românticos do futebol. Muitos outros continuaram realizando seus rituais nos quais acreditavam que traria sorte. Antônio Lopes e Vanderlei Luxemburgo são exemplos disso. Cada um ao seu estilo.

Nos lances favoráveis à sua equipe, o delegado, como é conhecido Antônio Lopes por ter trabalhado na polícia com essa função, sempre beijava uma medalhinha de Nossa Senhora Aparecida. Hoje, Lopes é diretor de futebol do Atlético/PR.

Por sinal, Vanderlei Luxemburgo começou na carreira fora das quatro linhas como assistente de Lopes. O estilo de ritual, porém, mostrou-se bastante diferente do mestre. Lu-

xemburgo recorria aos serviços de Roberto de Ogum, espécie de líder espiritual do treinador.

Na final do Paulistão de 1993, o Palmeiras usou meias brancas em vez das verdes, o que não ocorria há anos. Tudo por conselho de Robério. O troféu do Estadual de 1993 acabou erguido pelo Verdão, após 16 anos na fila.

Nem sempre Robério acertava. No primeiro dos três jogos entre Corinthians e Cruzeiro (2 a 2 no Mineirão), pela decisão do Brasileiro de 1998, Gilmar Fubs sofreu. O volante marcava Müller, substituindo o meia Ricardinho. Para isso, Gilmar teve de mergulhar três vezes em uma banheira com seiva de alfazema, pétalas de rosa, sal grosso e arruda. O volante le-



Beijos de Antônio Lopes em sua inseparável medalhinha marcaram

vou um baile e saiu lesionado. "O Müller da igreja acabou com o trabalho do Robério. Comeu o meu volante", disse Vampeta, no jantar após a partida.

O comentário desagradou Luxemburgo, que ameaçou sacar o volante. O alerta foi dado por PC Gusmão, treinador de goleiros. "Fui titular o campeo-

nato todo. O Vanderlei vai ter que se acertar com a imprensa e com a torcida para não me botar pra jogar e eu vou contar que foi por causa do Robério de Ogum, que o Müller arrebitou com ele", disse Vampeta, taxativo. O volante atuou nos dois jogos seguintes e o Timão levou a taça.